

A INFLUÊNCIA DO MODELO ORIENTAL EM TÉCNICOS BRASILEIROS DE GINÁSTICA OLÍMPICA

Jocimar Daolio e Odilon José Roble

Grupo de Estudos Sobre Aspectos Antropológicos da
Motricidade Humana - Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Observa-se atualmente na Ginástica Olímpica Mundial um predomínio técnico de atletas representantes de países do oriente, tais como Japão, Comunidade dos Estados Independentes, China e Romênia. Esse predomínio pode ser percebido através do desempenho dos atletas desses países em grandes competições internacionais, nas quais obtêm grande parte das medalhas em disputa. No Brasil, a influência da Ginástica Olímpica oriental pode ser observada no comportamento dos técnicos da modalidade, que parecem almejar esse modelo quando orientam atletas e iniciantes.

Parece plausível conceber que técnicos brasileiros realcem o comportamento técnico oriental e nele se baseiam para realizar seu trabalho, uma vez que os países deste bloco detêm a hegemonia mundial em termos de desempenho. Entretanto, tal comportamento parece extrapolar o nível da explicação técnica ou biológica para o predomínio oriental, atingindo também o âmbito cultural. Em outros termos, parece que os técnicos brasileiros, por vezes, assumem um papel imitativo frente ao modelo oriental, estabelecendo pré-conceitos que, em sua maioria, não encontram suporte teórico, podendo levar a uma preferência por alunos e atletas que se aproximam do biotipo oriental.

É nesse sentido que torna-se interessante investigar os motivos que levam a essa imitação. A suposição que fazemos é a de que o modelo social oriental se configura como forte instrumento

influenciador do pensamento e atitudes dos técnicos e demais envolvidos na área da Ginástica Olímpica no Brasil, embora nem sempre os técnicos sejam conscientes deste processo. Dessa forma, parece interessante investigar as representações de técnicos brasileiros de Ginástica Olímpica, na busca da reconstrução do universo simbólico que suporta as ações destes profissionais (GEERTZ, 1978).

Para tanto, a presente pesquisa tomará como referencial teórico a área da Antropologia Social responsável pelo estudo das representações sociais (DURHAM, 1977). A partir desse referencial, será possível compreender, através das representações dos técnicos, o desenvolvimento e utilização de determinados padrões oriundos de países no treinamento de atletas, e iniciantes brasileiros. Será possível avaliar também se essa utilização pode estar implicando na exclusão de atletas com biotipos diferentes do modelo oriental, quer seja causada pelo comportamento explícito dos técnicos ou pela própria incorporação por parte do aluno de um modelo ao qual ele não se adequa.

Não se trata de ~~de~~ desconsiderar as características da Ginástica Olímpica oriental, precursora da modalidade, na busca de uma técnica nacional. Trata-se de compreender as razões que levam os técnicos brasileiros, muitas vezes inconscientemente a utilizarem quase que exclusivamente aquelas técnicas, excluindo outras possibilidades pedagógicas e negando em alguns casos, características culturais dos indivíduos brasileiros, empobrecendo a prática da modalidade no país.

Para analisar estas questões, em um primeiro momento desta pesquisa foram entrevistados nove técnicos de Ginástica Olímpica de equipes das cidades de Campinas, Paulínia e Atibaia, que trabalham tanto em nível de iniciação quanto de treinamento visando a competição. As entrevistas seguiram um roteiro básico,

semi-estruturado, onde se buscou deixar os técnicos à vontade para que discorressem sobre seus conceitos. Os depoimentos foram gravados e posteriormente transcritos, a fim de serem melhor examinados.

Em uma primeira análise dos dados, pôde-se observar uma forte tendência à concepção de um biotipo perfeito para o ginasta sendo citado o biotipo oriental como muito próximo a este. A questão do biotipo foi sempre atrelada ao desempenho, o que dá indício de uma postura seletiva por parte dos técnicos em relação aos atletas e alunos.

Os técnicos afirmam que crianças com biotipo não semelhante ao ideal, em geral as longelíneas e as mais "gordinhas", não se adaptam bem à modalidade e abandonam a prática "por si mesmas". Os técnicos insistem que pode haver exceções, afirmação que acaba por confirmar a existência de uma regra. Segundo RASCH (1991), o domínio dos movimentos ginásticos passa pelo controle individual do centro de gravidade corporal. À medida que ginastas novas desenvolvem uma compleição mais madura, seus centros de gravidade se deslocam, o que torna necessário reaprender suas habilidades. Tal afirmação, deixa evidente que o que é desfavorável à prática da Ginástica é a oscilação da composição corporal e não um corpo menos padronizado. Além disso esta afirmação remete o problema ao advento da puberdade, onde, principalmente em meninas, o acúmulo de gordura é mais evidente. Esse fato, se criar um empecilho, o faz com relação à idade e obviamente para fins de alto rendimento e não em relação à prática em si.

Ao observarmos o código de pontuação da FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (1993), podemos notar que grande parte dos elementos da Ginástica Olímpica foram criados por atletas orientais, passando a levar o nome de seus criadores. Ora, segundo LEGUET (1987), a atividade gímnica propicia, além do agir

e do mostrar, o criar. Ao assumirmos um caráter imitativo, não só excluimos a possibilidade do criar, como incorremos em outro equívoco: a cada nova competição internacional, os países orientais, em suas séries livres, apresentam novos elementos, criativos e inovadores, enquanto outros países tentam realizar elementos já apresentados em competições passadas.

Alguns países começam atualmente a conseguir bons resultados em competições mundiais de Ginástica Olímpica, tais como Espanha, Itália e Estados Unidos. Recentemente incorporou-se ao Código de Pontuação um movimento chamado de "break dance", baseado na dança de rua típica de metrópoles americanas. Ora, não é necessária excessiva divagação para se conceber que um país com uma vasta tradição cultural como o Brasil, pode extrair da mesma, movimentos ricos e inovadores que poderão ser incorporados pela Ginástica Olímpica.

Não estamos nos referindo tão somente à Ginástica Olímpica de alta competição, as fases iniciais de aprendizagem da modalidade podem partir do acervo motor que as crianças possuem, já que seus gestos se constituem em técnicas corporais culturais que devem ser considerados (MAUSS, 1974).

Fazendo uma analogia, podemos observar o exemplo do Voleibol. O Brasil possui hoje uma seleção que tem como principal virtude, segundo os especialistas, o fato de praticamente todos os atletas jogarem em todas as posições. Parece ter havido aqui uma feliz combinação entre as exigências técnicas do Voleibol e as características culturais do homem brasileiro.

Se existem tantos corpos quanto há sociedades (DAMATTA, 1987), deve existir também inúmeras possibilidades culturais diferentes de se praticar uma mesma modalidade, sob as mesmas regras e com igual qualidade.

Este trabalho pretende diversificar o enfoque tradicional dado às pesquisas da área esportiva. Historicamente,

a ênfase sobre essa área foi das ciências biológicas, que, não obstante seu valor e utilidade, não tem contemplado os aspectos sócio-culturais na análise dos fenômenos esportivos e da motricidade humana. Acreditamos que um enfoque sócio-cultural pode contribuir no sentido de relativizar a ênfase biológica e, assim, oferecer subsídios para a crítica e transformação das práticas pedagógicas de iniciação e treinamento da Ginástica Olímpica.

É importante revelar que dos nove técnicos entrevistados, oito possuíam formação superior em Educação Física, o que dá indícios de uma ênfase dos aspectos biológicos na sua formação profissional, em oposição à carência de estudos sobre as manifestações esportivas como práticas sócio-culturais.

Resta, ainda, esclarecer que os dados aqui apresentados se constituem num rastreamento inicial, que tem por finalidade delimitar o próprio tema, a amostra e o próprio roteiro a análise das representações sociais de técnicos de Ginástica Olímpica.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

- DAMATTA, R. O corpo brasileiro. In: STROZENBERG, I., org. De corpo e alma. Rio de Janeiro, Comunicação Contemporânea.
- DURHAM, E.R. A dinâmica cultural na sociedade moderna. Ensaio de Opinião, v.4, p.32-5, 1977.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA. Código de pontuação. São Paulo, Marchan & Mars, 1993.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- LEGUET, J. As ações motoras em ginástica esportiva. São Paulo, Manole, 1987.
- MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo, EPU/EDUSP, vol.2, 1974.
- RASCH, P. Cinesiologia e anatomia aplicada. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1991.